

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM SÃO VICENTE: MAPEAMENTO SOCIOESPACIAL E LOCALIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS URBANOS

ÍRIS TAMASIRO BOUERI DE SOUZA¹; JÚLIO CÉSAR ZANDONADI²

¹ Estudante do 3º ano do Curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio do IFSP – Campus Cubatão; bolsista PIBIC-EM – CNPq; b.iris@aluno.ifsp.edu.br

² Doutor em Geografia; Docente de Geografia do IFSP – Campus Cubatão; juliocesarzandonadi@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.06.01.03-8 – Geografia Urbana

RESUMO: O texto a seguir se trata de uma síntese dos resultados de pesquisa de IC no ensino médio com o objetivo central de contribuir para a análise da urbanização paulista, com ênfase nas cidades litorâneas. Especificamente, busca-se compreender a estrutura da cidade a partir de uma das dinâmicas estruturais da cidade capitalista: a segregação socioespacial. Para tal, o recorte territorial é a cidade de São Vicente, situada na Baixada Santista, aproximadamente a 50 km da capital paulista e fazendo limite ao centro da região - Santos. A análise ocorreu a partir de mapeamento socioespacial e a distribuição de equipamentos urbanos voltados à promoção do ensino, manutenção da saúde e lazer. O mapeamento socioespacial indica diferenças e desigualdades em relação à população que habita o leste do município, onde há limite com Santos e a orla da praia, com a ocupação por populações de maiores rendimentos, predominantemente autodeclaradas brancas e contando com variada gama de equipamentos urbanos públicos e privados, voltados ao ensino, saúde e lazer. Enquanto do lado oeste, estão os setores em que predominam populações com rendimentos inferiores a 1 salário-mínimo, predominantemente autodeclarados pardos, pretos e indígenas, os quais contam com serviços e equipamentos urbanos quase que exclusivamente públicos.

PALAVRAS-CHAVE: São Vicente; cidades litorâneas; segregação socioespacial imposta; equipamentos urbanos; cidade neoliberal.

SOCIOSPATIAL SEGREGATION IN SÃO VICENTE: SOCIOSPATIAL MAPPING AND LOCATION OF URBAN FACILITIES

ABSTRACT: The following text is a synthesis of the results of a high school scientific initiation research project, whose central objective is to contribute to the analysis of urbanization in the state of São Paulo, with emphasis on coastal cities. Specifically, the study seeks to understand the structure of the city through one of the structural dynamics of the capitalist city: sociospatial segregation. For this purpose, the territorial focus is the city of São Vicente, located in the Baixada Santista, approximately 50 km from the state capital, bordering the region's central city — Santos. The analysis was conducted through sociospatial mapping and the distribution of urban facilities aimed at promoting education, healthcare, and leisure. The sociospatial mapping indicates differences and inequalities regarding the population living in the eastern part of the municipality, bordering Santos and the beachfront, where higher-income populations predominate, mostly self-declared white, and with access to a wide range of public and private urban facilities for education, healthcare, and leisure. In contrast, the western side is

16º CONICT 2025 characterized by sectors predominantly inhabited by populations earning less than one minimum wage, mostly self-declared brown, black, and indigenous, who rely almost exclusively on public services and urban facilities.

KEYWORDS: São Vicente; coastal cities; imposed sociospatial segregation; urban facilities; neoliberal city.

INTRODUÇÃO

Este texto foi produzido a partir de pesquisa em nível de Iniciação Científica no Ensino Médio Integrado e tem como objetivo central contribuir para o entendimento da urbanização paulista, com foco na produção do espaço urbano em cidades litorâneas. Como objetivos específicos, busca-se compreender a estrutura das cidades a partir da dinâmica de segregação socioespacial em sua tipologia “imposta”, isto é, dando luz às áreas ocupadas pelas populações com menores rendimentos na cidade e às condições em relação com a existência de equipamentos urbanos, bem como mapear a distribuição da população e a de equipamentos urbanos voltados ao ensino, saúde e lazer. Para tal, parte-se da hipótese de que a segregação socioespacial ganha complexidade diante da estruturação das cidades a partir do paradigma políticoeconômico neoliberal, no qual os serviços passam a serem privatizados, com isso as esferas públicas de promoção do ensino, manutenção da saúde e lazer passam por intenso processo de degradação. Tal conjuntura traz mais ônus ao cotidiano dos cidadãos em situação de segregação socioespacial imposta, devido à ausência de possibilidades de crescimento intelectual, manutenção da saúde e lazer.

O recorte territorial incide sobre a cidade de São Vicente-SP, situada na região da Baixada Santista, aproximadamente 50 km da capital paulista, que tem como marco histórico ser a 1ª Vila do Brasil. Contudo, tal *status* não representa avanços significativos nas de vida ou na estrutura da cidade, na qual a diferenciação no território urbano é evidente, com edificações e infraestruturas “modernas” nas proximidades da orla, enquanto as áreas continentais sofrem com infraestruturas degradadas ou mesmo a ausência destas.

Diante desse contexto, esta análise propõe mapear os equipamentos urbanos voltados ao ensino, à saúde e ao lazer na cidade de São Vicente, com vistas a identificar áreas em que, juntamente à segregação socioespacial, a ausência ou insuficiência de equipamentos urbanos potencializa os obstáculos de mobilidade social e espacial das populações segregadas.

MATERIAL E MÉTODOS

Teoricamente a pesquisa se apoia no conceito de Formação Socioespacial, traçado por Santos (1977) ao abordar as diferenças entre nações e na ampliação conceitual de Mamigonian (1996), quando este trata as diferenças regionais, ou mesmo no âmbito de uma região, atrelando não somente às dinâmicas contemporâneas, mas também ao processo histórico de ocupação dos territórios. No caso do Estado de São Paulo, sabemos da relação da expansão das atividades e relações capitalistas no âmbito do Complexo Capitalista Cafeeiro entre 1890 a 1930 (CANO, 1977). A Baixada Santista tem relação estreita com este período, sendo a localização do principal porto de escoamento do café, mas também carrega marcas do passado da invasão europeia quinhentista, da escravização, como também da industrialização brasileira do pós-1960 e o avanço do paradigma político-econômico neoliberal, que diferencia tal região em relação a outras do Estado e do país.

Ainda no plano macro, alinhamo-nos à perspectiva de Zanotelli (2021) ao abordar as cidades capitalistas contemporâneas, principalmente no subdesenvolvimento, como cidades neoliberais, onde a financeirização da terra urbana já é um evento consolidado e nas quais os serviços e equipamentos urbanos passam a ser as novas frentes de atuação do capital, com um movimento constante de precarização dos serviços e equipamentos urbanos públicos e de avanço da esfera privada sobre eles.

Por fim, a abordagem de método considera produção do espaço urbano e a cidade como produto social, isto é, produzido e reproduzido através de relações sociais e por agentes sociais, seja tal produção carregada de intencionalidade, ou mesmo, dada diante da impossibilidade de outras formas de produzir. Nesse modelo econômico financeirizado, o grande determinante a capacidade financeira do agente, quanto maior a capacidade maior serão as possibilidades, escolhas e intencionalidade na produção do território urbano.

No âmbito da produção do espaço urbano, remetemo-nos a uma das dinâmicas centrais para o entendimento das cidades capitalistas, que é a segregação socioespacial, em sua tipologia imposta, ou seja, a separação residencial dada a partir da dimensão renda, em que os segmentos populacionais com menores rendimentos não possuem diversas possibilidades de escolha do espaço de habitação, mas sim os espaços que sobram, os que o capital imobiliário não deseja ou aqueles que o capital imobiliário destina para essas populações. É neste contexto que se reproduzem os processos de favelização e são implantados os conjuntos habitacionais

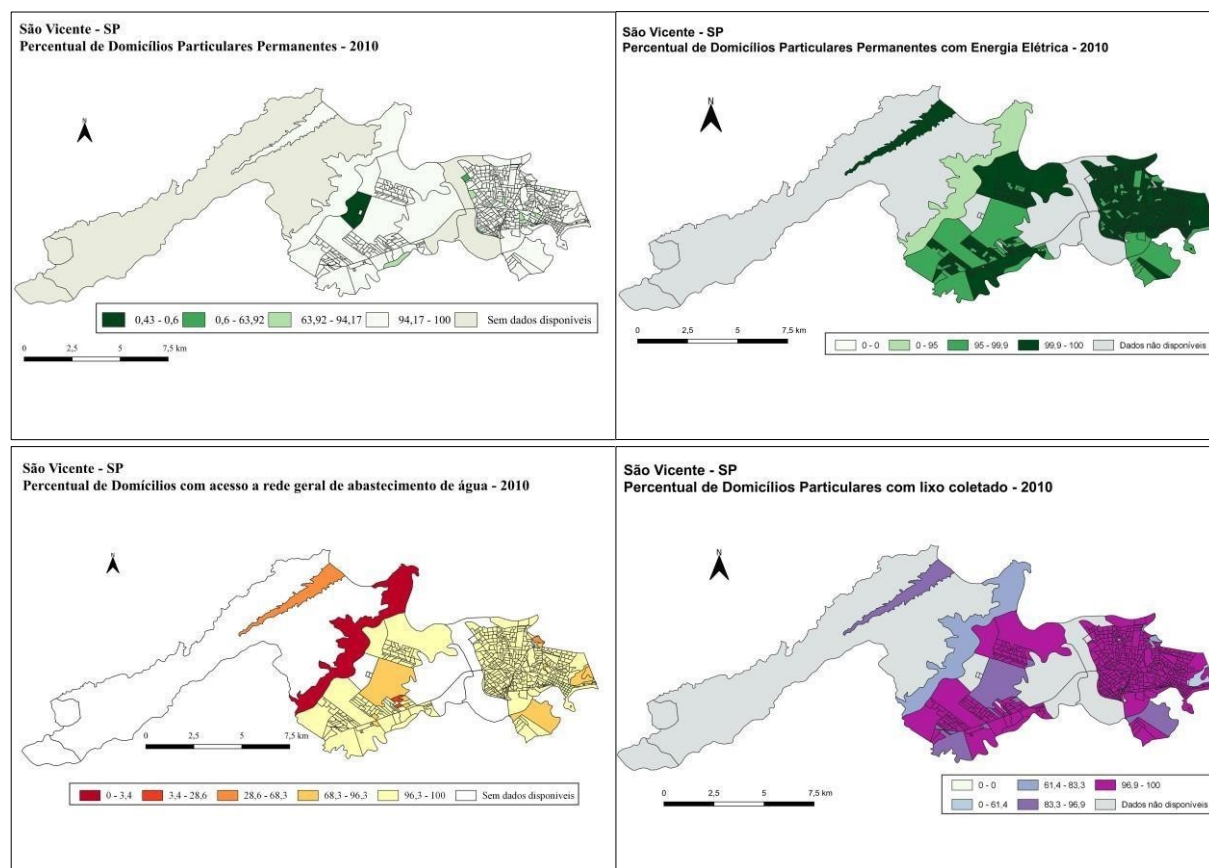
Com vistas a compreender a estrutura da cidade e a segregação socioespacial imposta foi realizado o mapeamento da cidade de São Vicente a partir dos dados do Censo IBGE-2010, no qual foram selecionadas variáveis que indicassem tanto as diferenciações entre as ocupações habitacionais, como também caracterizassem a população de São Vicente nos diversos setores do município.

Posteriormente, de modo a entender a dinâmica de segregação socioespacial imposta no âmbito da cidade neoliberal, atemo-nos a mapear os serviços e equipamentos urbanos voltados a promoção do ensino, manutenção da saúde e lazer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

São Vicente-SP é considerada a primeira vila do Brasil, sendo um dos pontos de acesso da invasão europeia quinhentista. Esse evento permanece na cidade em forma de monumentos, mas também se reflete no perfil da população, contando com população indígena, como também muitos descendentes de ex-escravizados sequestrados de África, com grande número de população autodeclarada parda e preta. Situada aproximadamente a 50 km da capital paulista e com a orla de praia, diante do processo de industrialização que tomou o Estado de São Paulo, mas principalmente a cidade de São Paulo, as do entorno da capital paulista e Cubatão na Baixada Santista, avançou o fenômeno turístico em São Vicente, levando à ocupação verticalizada nas áreas próximas a orla de praia e o intenso aumento do preço da terra urbana nesses locais.

Outro contexto relevante para entendermos a estrutura da cidade de São Vicente é a situação geográfica na região da Baixada Santista, fazendo limite contínuo com a cidade de Santos, o centro da região, São Vicente torna-se um espaço da expansão territorial santista, principalmente diante da disputa e aumento do preço da terra urbana em Santos, o que intensificou o surgimento de processos de favelização, bem como também a implantação de conjuntos habitacionais em São Vicente. Vejamos as características do município através do mapeamento socioespacial:



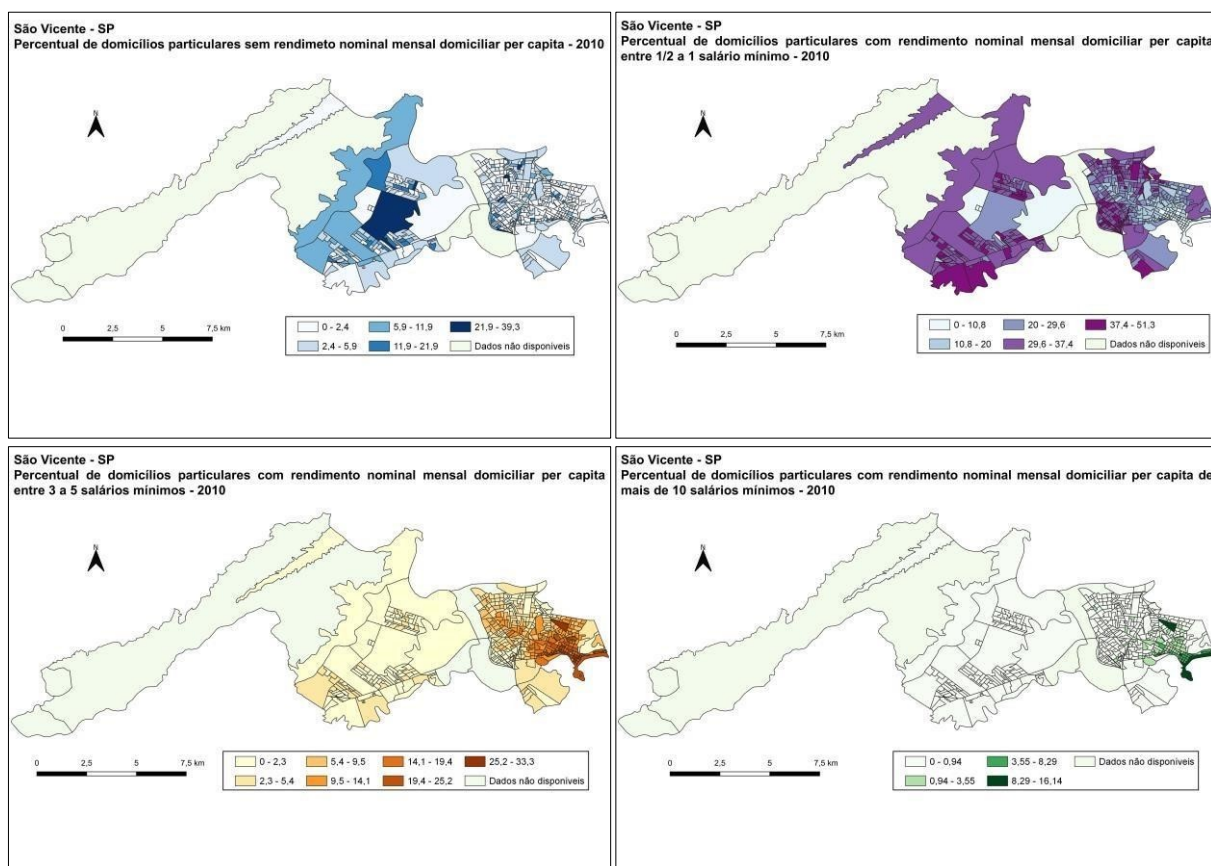
Fonte: Censo IBGE 2010 Organização: Íris Tamasiro e Júlio Zandonadi

Ao visualizar o mapa de setores censitários de São Vicente, com o objetivo de descrever o território da cidade, ela pode ser recortada em três setores, um a sudeste, que é a área de orla de praia, outra a nordeste que é a divisa continental com Santos e ao oeste que é a área continental, separada da malha urbana inicial pela Rodovia dos Imigrantes e diversos cursos d'água.

Em relação a distribuição dos domicílios, nos setores situados ao leste, que incorporam tanto o sudeste quanto o nordeste, predominam os domicílios particulares permanentes, enquanto na área a oeste ainda há “ilhas” com inúmeros domicílios coletivos. Vemos que o acesso à energia elétrica abrange grande parte dos setores, contudo, a oeste destacamos alguns setores em que cerca de 5% dos domicílios particulares não possuem acesso, e ao sul, onde predominam reservas indígenas, que por volta de 5% dos domicílios particulares também não possuem acesso.

Este contexto se reproduz de modo quase espelhada, dada as diferenças percentuais, mas afetando os mesmos setores quanto ao acesso do abastecimento de água proveniente da rede geral e à coletado. Vejamos, agora, a estrutura em relação à renda:

FIGURA 2. São Vicente -SP: Caracterização dos domicílios particulares permanentes quanto ao rendimento mensal per capita - 2010.



Fonte: Censo IBGE 2010 **Organização:** Íris Tamasiro e Júlio Zandonadi

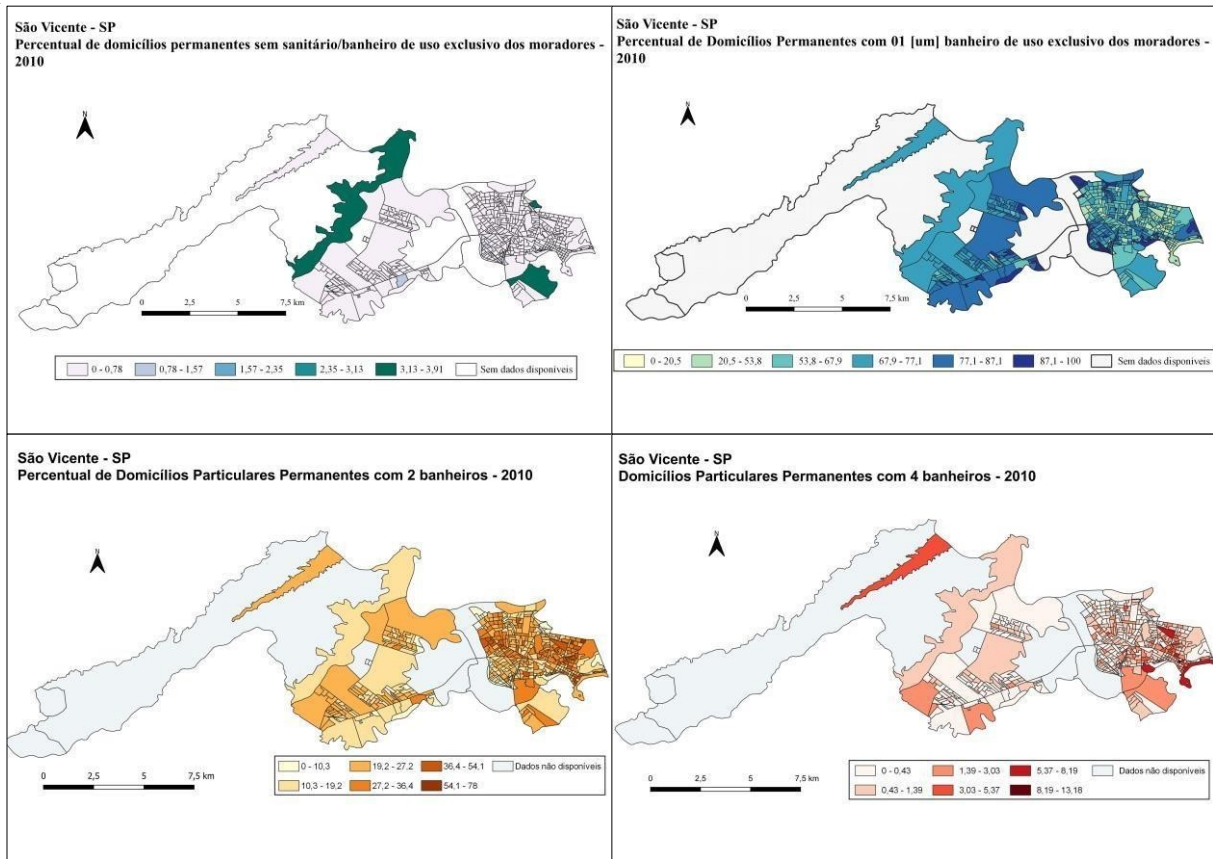
Quanto à distribuição da população e da habitação em relação à renda, a diferenciação e desigualdade são bem explícitas, com os setores oeste e nordeste concentrando os domicílios particulares em que a renda per capita atinge no máximo 1 salário-mínimo. Já os domicílios particulares com rendimento acima de 3 salários-mínimos se concentram no sudeste, nas proximidades da orla da praia, setor que podemos classificar como de autosegregação socioespacial, isto é, os setores em que os segmentos populacionais com maiores rendimentos optam por habitar.

Na Figura 3, a seguir, podemos observar as características dos domicílios particulares em São Vicente, trazendo como variante a quantidade de banheiros no domicílio. A maior quantidade de banheiros é entendida como indicador maior capacidade de investimento nas edificações, enquanto a ausência de banheiros indica a baixa ou inexistente capacidade de investimento.

O contexto do qualitativo dos domicílios é que a ausência de banheiros está no sul nas reservas indígenas, em setores no nordeste e no extremo oeste da cidade, quanto aos com 1 banheiro concentram-se no centro-oeste, e no centro e nos setores a oeste. Já os domicílios particulares com maior número de banheiros, de 2 ou mais de 4, apresentam maior concentração nos setores a leste, 16º CONICT 2025

especialmente próximos à orla da praia, que coincidem com os habitantes de maiores rendimentos mensais.

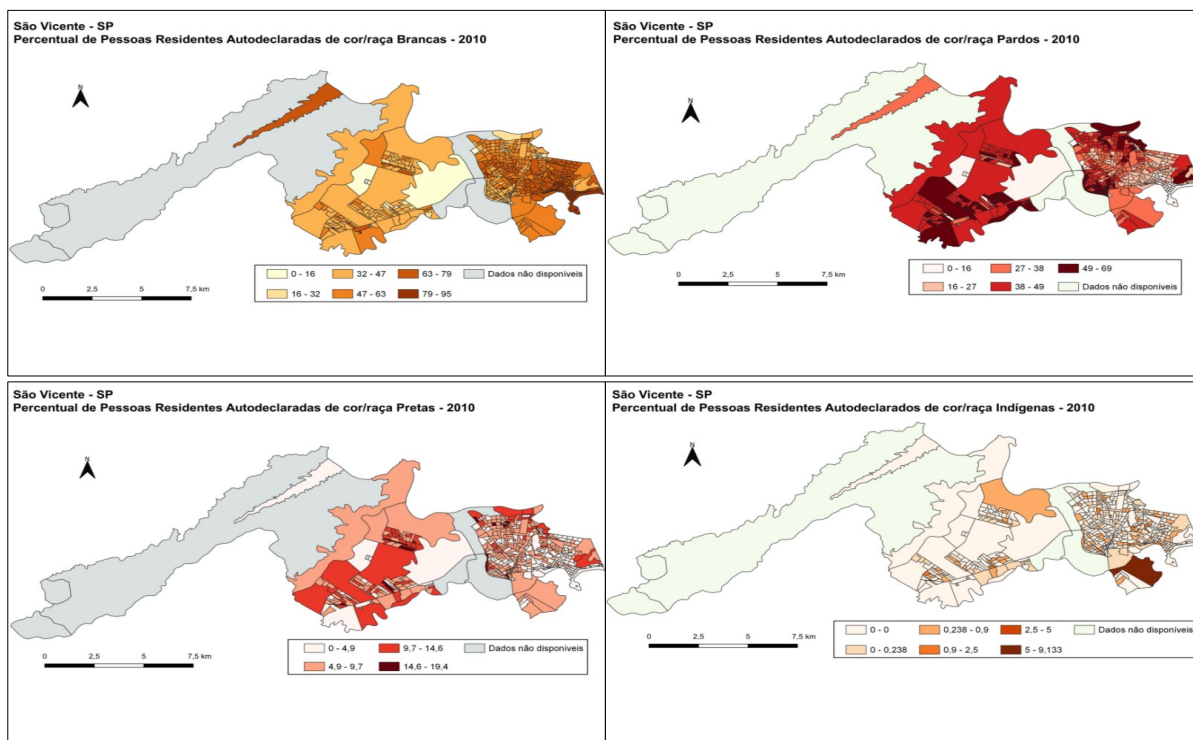
FIGURA 3. São Vicente -SP: Caracterização dos domicílios particulares permanentes quanto quantidade de banheiros - 2010.



Fonte: Censo IBGE 2010 **Organização:** Íris Tamasiro e Júlio Zandonadi

Por fim, vemos a caracterização da população a partir de cor/raça:

FIGURA 4. São Vicente -SP: Caracterização da população a partir de autodeclaração de cor/raça - 2010

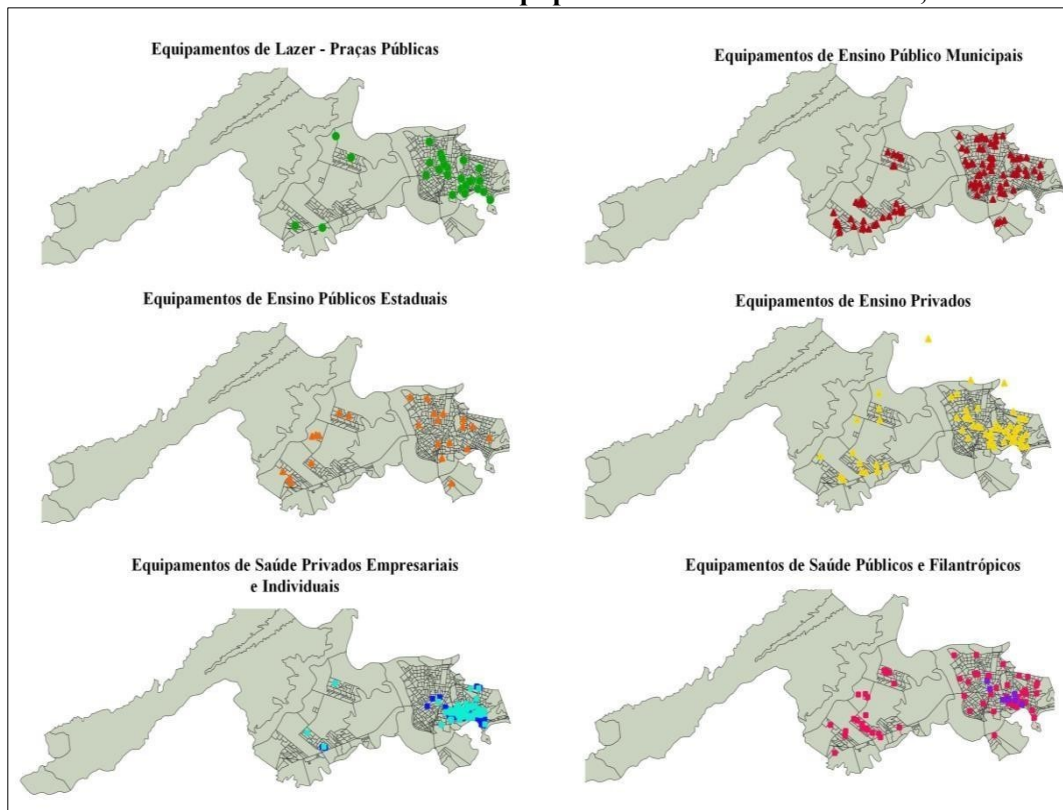


Fonte: Censo IBGE – 2010 – Organização: Iris Tamasiro e Julio Zandonadi

Os mapas acima permitem identificar que os setores com as maiores parcelas da população se autodeclararam brancos, estão concentrados nas áreas que fazem limite com Santos, a leste e nos setores próximos da orla da praia a sudeste. Enquanto que os pardos e pretos, a maior concentração em setores ao nordeste e oeste, e os indígenas a grande concentração estão nas reservas indígenas ao sul.

Nota-se que a dimensão cor/raça está vinculada a renda ao observarmos que os setores com maior parcela dos domicílios com rendimentos per capita acima dos 3 salários-mínimos também são os que concentram os autodeclarados brancos, enquanto os setores com domicílios com rendimentos abaixo de 1 salário-mínimo per capita são os mesmos onde se concentram os autodeclarados pardos, pretos e indígenas. Isto revela que a segregação socioespacial além da renda, tem o determinante cor/raça em São Vicente-SP.

FIGURA 5. São Vicente -SP: Equipamentos Urbanos de Ensino; Saúde e Lazer - 2025



Fonte: Dados de equipamentos de ensino – Secretaria de Educação do Estado de São Paulo; dados de saúde

DATASUS; dados de praças – Elaborado pelos autores (2025) **Organização:** Íris Tamasiro e Júlio Zandonadi

Tal mapeamento permite várias camadas de análise, entretanto vamos nos ater a duas que se Destacam. Primeiramente a ausência de praças públicas nos setores a oeste, outro aspecto é que este setor, em relação aos equipamentos de saúde e de ensino são servidos quase que exclusivamente pela esfera pública, com a esfera privada orbitando as áreas residenciais das populações com rendimentos mensais acima dos 3 salários-mínimos.

CONCLUSÕES

A análise permite identificar a segregação socioespacial em São Vicente, em que os setores a oeste, na área continental pós-Rodovia dos Imigrantes, representam a única possibilidade de acesso à moradia para as populações com rendimentos per capita inferiores a 1 salário-mínimo. Nesses setores, há também ausência de equipamentos públicos de lazer, e o acesso a ensino e manutenção da saúde é limitado, sendo atendido quase que exclusivamente pela esfera pública - o que é uma contradição em tempos de urbanização neoliberal.

REFERÊNCIAS

MAMIGONIAN, A. A Geografia e a formação social como teoria e como método. In: SOUSA, M. A. A. (org.). **O mundo do cidadão, um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996, pp. 198-204.

Disponível em: <https://geografiaeconomicaesocial.ufsc.br/files/2016/04/A-geografiae-%E2%80%9CA-forma%C3%A7%C3%A3o-social-como-teoria-ecomom%C3%A9todo%E2%80%9D.pdf>

SANTOS, M. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, 1977. Disponível em:

<https://publicacoes.agb.org.br/boletimpaulista/article/view/1092/949>

ZANOTELLI, C. L. A cidade neoliberal no Brasil de uma perspectiva foucaultiana. **Geosp**, v. 25, n. 3, e-172194, dez. 2021. ISSN 2179-0892. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/geosp/article/view/172194/177787>